

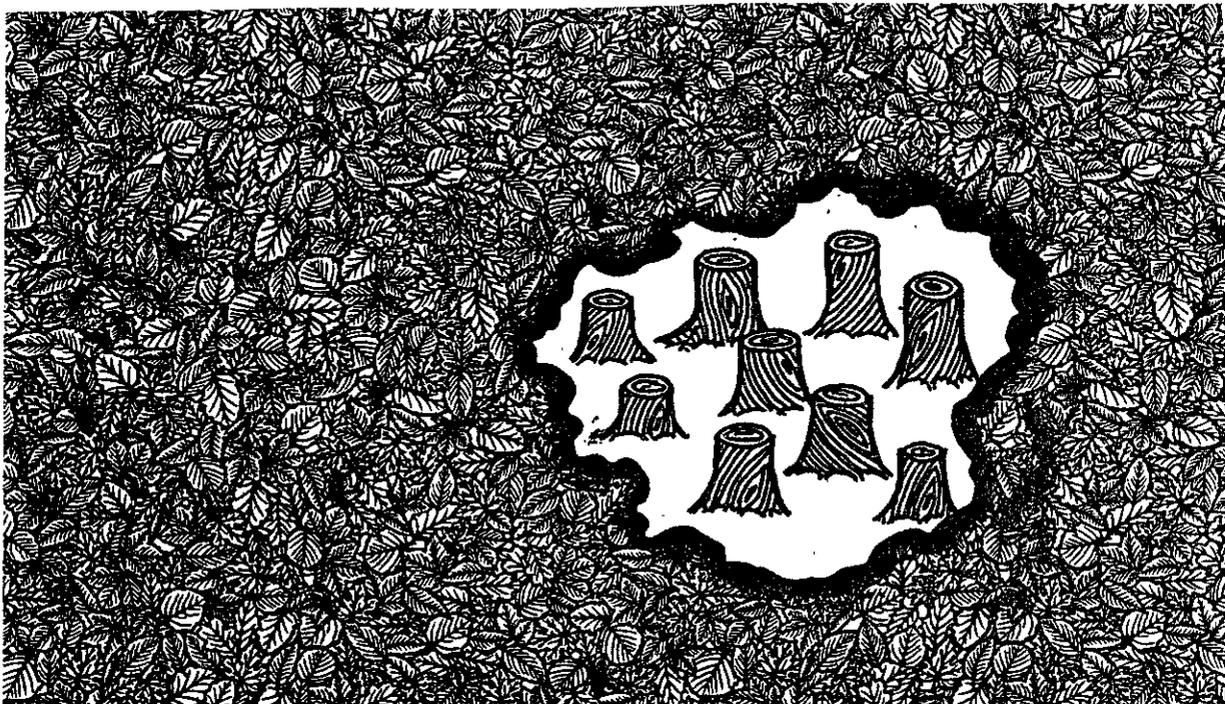
POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : WESP

CLASS. : 31

DATA : 29 09 88

PG. : 2



A destruição da Amazônia

JOSÉ GOLDEMBERG



A onda de calor que atingiu São Paulo neste fim de semana coincidiu com a publicação do relatório do Banco Mundial sobre a destruição acelerada da floresta amazônica nos últimos 10 anos.

Na mente de várias pessoas — leigos e cientistas — não passou despercebida a possibilidade de que estejamos começando a sofrer as primeiras manifestações do “efeito estufa”, isto é, o aquecimento da Terra provocado pelo aumento da quantidade de CO₂ (dióxido de carbono) na atmosfera.

Esta é a associação que muitos americanos fizeram, em julho e agosto deste ano, em que o seu verão foi o mais quente das últimas décadas.

Existe sólida base científica para esperar que a temperatura do planeta aumente nas próximas décadas devido ao “efeito estufa” resultante da queima de combustíveis fósseis.

O que é surpreendente é que as

conseqüências deste aquecimento começam a se manifestar tão rapidamente. Esperava-se que os efeitos fossem menores e demorassem mais a se manifestar.

Sucede que, além da contribuição da queima de combustíveis fósseis, existe a queima das florestas, como a que está ocorrendo em grande escala na Amazônia. Nos últimos 10 anos, cerca de 500 mil quilômetros quadrados da floresta foram reduzidos a cinzas; esta área é maior do que a França e corresponde a cerca de 10% de toda a floresta Amazônica brasileira. Cerca de 1% da floresta está sendo destruído por ano (50.000 km² por ano).

A quantidade de CO₂ resultante desta destruição é considerável: corresponde à metade do que lançam por ano na atmosfera os americanos, que são os maiores consumidores de energia do mundo.

O Brasil não é, pois, um espectador desinteressado do problema do “efeito estufa”, mas um dos atores importantes. O carbono que os americanos lançam na atmosfera modifica o clima no nosso país, mas a queima da floresta amazônica, por sua vez, aumenta a temperatura nos Estados Unidos.

Há aqui um desafio e uma oportunidade para o Brasil. Uma

das propostas mais importantes que têm sido feitas para enfrentar o “efeito estufa” é a de promover o reflorestamento de amplas áreas, recapturando o CO₂ lançado na atmosfera.

Diante desta proposta, a destruição da floresta amazônica parece de uma perversidade sem limites, uma vez que contradiz frontalmente as tendências mundiais que levarão, provavelmente, o Banco Mundial a financiar intensamente projetos de reflorestamento dos quais o Brasil poderia se beneficiar.

Esta é a oportunidade que está a nosso alcance. O reflorestamento de 50.000 km² — que é o que está sendo destruído por ano na floresta amazônica — custaria provavelmente cerca de 5 bilhões de dólares.

Existem indícios que os bancos internacionais considerariam seriamente negociar parte da dívida externa brasileira em troca da redução das emissões de CO₂ e da queima da floresta amazônica.

O Brasil poderia, pois, assumir um papel de liderança mundial no combate ao “efeito estufa”, resolvendo, no processo, parte de seus problemas econômicos.

O professor José Goldemberg é reitor da Universidade de São Paulo.